

OS DESAFIOS EMERGENTES NO ENSINO DO AUDIOVISUAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO CINE VIDA

Leandro Ricardo Wenceslau¹

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar os desafios emergentes no ensino do audiovisual no contexto da pandemia de COVID-19 por meio do relato da experiência do projeto Cine Vida, ressaltando os aspectos de transposição emergencial de oficinas presenciais para um formato remoto que busque assegurar acessibilidade, diversidade e democratização.

Introdução

Os setores da cultura e da educação começaram a enfrentar grandes problemas para a continuidade de suas atividades com os agravamentos da pandemia de COVID-19 em todo o mundo. A situação no Brasil se agravou a partir de março de 2020, quando a pandemia se instalou nas cidades brasileiras, trazendo de volta a condição das pestes do passado, obrigando cidades inteiras a decretarem isolamento social, acirrando uma guerra política e ideológica alimentada por informações contraditórias e agravada pela falta de uma liderança confiável que seja capaz de fornecer esclarecimentos e orientações seguras à população (HARARI, 2020).

Ações emergenciais foram iniciadas para buscar minimizar os impactos negativos nas redes de ensino pública e privada do país. De forma geral, o setor da cultura se viu como um dos mais afetados e sem perspectivas de retorno em curto prazo. A falta de coordenação estrutural em um momento como esse, quando anúncios, trocas e mudanças ininterruptas de ministros da educação, cultura e saúde escancararam o desalinhamento e descaso do governo federal com as pastas, justamente quando foram cobradas respostas e ações rápidas em uma das maiores crises sanitárias

¹ Pesquisador do Observatório da Diversidade Cultural (ODC). E-mail: leowenceslau@gmail.com

da história da humanidade. Este cenário intensificou os desafios de construir ações integradas para os processos de continuidade das atividades da cultura em todo o país. Todavia, mesmo antes da pandemia se instalar no Brasil, a cultura já sofria com uma profunda crise e enfrentava uma guerra ideológica com o atual governo, que desenvolveu uma estratégia de enfraquecimento de políticas públicas voltadas à cultura como, por exemplo, o Fundo Setorial do Audiovisual – FSA, que sofreu uma paralisação desde 2019, afetando dezenas de milhares de trabalhadores (MUNIZ; VIEIRA, 2020).

Frente aos desafios impostos à cultura, de forma emergencial, os agentes culturais começaram a criar novas articulações para a realização de aulas, oficinas, eventos, festivais, shows, mostras, seminários, bate-papos, exposições e outras manifestações culturais, educacionais e artísticas, derrubando as barreiras de desconfianças dos próprios profissionais sobre novos meios e abrindo espaço para as novas experiências de entretenimento, formação e pesquisa (COUTO; PORTO; SANTOS, 2016). E através da adoção de ferramentas que pudessem se tornar alternativas para a manutenção de suas ações, as novas tecnologias como as transmissões *on-line*, videoconferências, plataformas de ensino à distância e redes sociais ganharam um lugar central na hora de conectar agentes culturais, professores, pesquisadores e artistas a seus públicos. Esses esforços, mesmo apartados de uma sistematização dos governos e utilizando pouco o referencial de outros países que têm conseguido atingir resultados positivos, têm se tornado os subsídios para o desenvolvimento de um modelo de mediação de acesso ao entretenimento, cultura e educação do futuro.

Relato da experiência do Projeto Cine Vida

Cine Vida é um projeto que realiza oficinas gratuitas de formação audiovisual em diversos centros culturais e equipamentos ligados à Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte. O projeto, antes da pandemia do novo Coronavírus, vinha atuando nos últimos cinco anos na formação de jovens e adultos, ofertando 8 oficinas de 40 horas de duração em turmas de até 20 alunos, principalmente, situados nas áreas periféricas da cidade de Belo Horizonte.

As aulas eram ministradas presencialmente por professores de áreas distintas do audiovisual, abrangendo temas como roteiro, produção, arte, direção, fotografia e edição. Ainda ao longo de cada oficina, as turmas realizavam um filme de curta-metragem de cerca de 10 minutos de duração e anualmente o projeto promoveu uma mostra com todos os filmes feitos pelas turmas.

O projeto Cine Vida estava previsto para retornar em seu formato presencial no início do segundo semestre de 2020 e acabou afetado pelas restrições impostas pela Prefeitura de Belo Horizonte em resposta à pandemia. Desde então, a coordenação do projeto, junto com seus professores, se dedica a estudar a viabilidade de continuidade e manutenção de suas atividades de forma remota.

No entanto, traçar um paralelo aos processos adotados pela educação formal, seguindo seus poucos protocolos, resoluções e experiências tem se mostrado incipiente e, muitas vezes, ineficaz para um desdobramento das ações de ensino no projeto. Principalmente devido à própria natureza das ações que o Cine Vida explora como a prática, a sensibilidade e a arte do fazer audiovisual, limitando os exercícios práticos e experiências de filmagem dos curtas-metragens dos alunos.

Há, ainda, uma preocupação do projeto na priorização de vagas para públicos historicamente excluídos como negros, mulheres, LGBTQIA+, moradores de áreas periféricas e dos entornos dos centros culturais atendidos, o que complexifica a utilização de videoconferências, plataformas de ensino à distância ou redes sociais como meios de garantir democratização de acesso a esse público. Tais limitações colocam em xeque a efetividade do ensino remoto, não sendo coincidência que grupos de professores e pais tenham buscado na justiça ações contra este formato (FOLHAPRESS, 2020).

A implementação de oficinas remotas é uma resposta ao contexto atual, mas também suscita questões sobre suas vantagens e limitações. A transposição emergencial de um processo presencial de oficinas para um remoto ou híbrido esbarra na premissa de acessibilidade, democratização e diversidade, transformando plataformas reputadas como democratizantes em espaços gentrificados.

Considerações finais

Com a previsão dos efeitos prolongados da pandemia, o que percebemos é que, de fato, os processos de aprendizagem do futuro se constroem com base na experiência de um processo de crise. Essas experiências de ensino remoto – especialmente as de educação na cultura – ainda abarcam uma parcela restrita de pessoas e sublinham os desafios da educação mediados por tecnologias digitais que garantam acessibilidade, promovam diversidade e sejam democratizantes.

REFERÊNCIAS

COUTO, E. S.; PORTO, C.; SANTOS, E. (org.) **App-learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016.

HARARI, Y.N. **Nabalha contra o Coronavírus, faltam líderes à humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FOLHAPRESS. **Professores e pais acionam Justiça contra ensino remoto nas escolas**. O Tempo, 03/05/2020. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/coronavirus/professores-e-pais-acionam-justica-contra-ensino-remoto-nas-escolas-1.2332514>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MUNIZ, Alexandre; VIEIRA, Luciana. **Política audiovisual em tempos de COVID-19: arte e indústria em confinamento**. 21/05/2020. Disponível em: < <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/5/22/politica-audiovisual-em-tempos-de-covid-19-arte-e-industria-em-confinamento>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

NASCIMENTO, Aline. **Com 20% de carga horária remota, Educação vai transmitir aulas pela TV e rádio para alunos no AC**. 07/06/2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/07/com-20percent-de-carga-horaria-remota-educacao-vai-transmitir-aulas-pela-tv-e-radio-para-alunos-no-ac.ghtml>>. Acesso em: 11 jun. 2020.